

A ADOLESCÊNCIA DO INSTITUTO

Ribeiro Ramos

Há exatamente 90 anos, na data de hoje, nascia em Fortaleza essa notável instituição cultural que aí está vibrante, excelsa e magnífica na sua esplêndida beleza espiritual, acumulando louvores, vitórias e triunfos para o Ceará das coisas do espírito — o Instituto do Ceará.

Os ilustrados e doutos homens de Letras e Ciências que o fundaram — Guilherme Studart (Barão de Studart), Paulino Nogueira, João Batista Perdigão de Oliveira, Borges da Fonseca, Joaquim de Oliveira Catunda, Antônio Bezerra de Menezes, Júlio César da Fonseca Filho, Padre Dr. João Augusto da Frota, Virgílio Augusto de Moraes, Antônio Augusto de Vasconcelos, Virgílio Brígido, José Sombra e Juvenal Galeno — bem longe estavam, por certo, de pensar, que aquela pequenina semente que plantaram a medo, no solo de uma Fortaleza acanhada a provinciana, naquele 4 de março de 1887, rompendo a sílica portentosa, nasceria viçosa e linda para o sol da glória, vicejaria opulenta, e se transformaria bem cedo em árvore de grande porte, e a cuja sombra viriam abrigar-se numerosos homens de pensamento, seus coevos e pósteros.

É que as instituições culturais, sejam elas de Ciências e Letras ou simplesmente de Letras, criadas por aí afora, neste país continental que aí está, e muito particularmente neste nosso Ceará galhofeiro e descuidado de todos os tempos, mas que tem a honra de merecer o nosso bem-querer, no passado como no presente — nascem sempre e sempre ante uma total indiferença, quando não surgem em ambiente hostil. E então é preciso que os seus idealizadores e criadores a elas se devotem de corpo e alma, fechando os ouvidos aos apuros de muitos e até mesmo aos insultos de uns poucos, e dêem-se as mãos em cadeia, para evitar que a tenra plantinha que nasce seja destruída pelos pés dos bárbaros, eles próprios, os criadores, metidos na armadura da Coragem, para resistirem as cutiladas inimigas.

E só assim, elas, as instituições culturais que, afinal de contas, marcam o nascer de um Brasil diferente, fazendo-o crescer e progredir, aqui dentro e lá fora, se fazem respeitadas e queridas, caindo, vez por outra debilitadas pela luta, mas sempre ressurgir mais tarde, no esplendor das glórias conquistadas.

O Instituto do Ceará não fugiu à regra, que no caso não tem exceção, já que a sua longa vida de noventa dilatados anos foi toda ela pontilhada de lutas sem trégua, felizmente coroadas de vitórias, estas devidas à coragem e à tenacidade de muitos daqueles que o fizeram no passado e o fazem agora, nos dias deste presente luminoso.

Quem quiser se convencer dessa assertiva que abra e leia a própria história do Instituto, gravada nas atas de suas sessões e contada para o grande público nas páginas iluminadas de sua Revista, onde está também grande parte da História do Ceará. Acabo de ler o "Correio do Ceará" de ontem e o de hoje, como sempre o faço costumeiramente. (Aqui abro um parêntesis para mandar ao meu dileto amigo, Acadêmico e Escritor Manuelito Eduardo, um grande abraço de felicitações pelo 62o. aniversário do velho e querido jornal do A. C. Mendes e, hoje, "Associado" — seis décadas e mais dois décimos a serviço do Ceará e da sua gente, sem hiatos e sem desfalecimentos — luta, coragem, ação, destemor, denodo e muito amor ao Brasil). No jornal de ontem nada menos de três belos artigos:

"O Instituto do Ceará e a pesquisa histórica", de Luiz Barros (o Mestre ilustre devia ser menos avaro de suas letras e vir com mais freqüência às páginas dos jornais, para delícia nossa): "As sedes do Instituto do Ceará", onde o meu caríssimo Amigo Prof. Mozart Soriano Aderaldo narra as penosas andanças do Instituto — que numerosas foram elas — de casa em casa, ao longo de noventa anos, até a instalação definitiva no belo palacete da Praça do Carmo, que serviu de morada ao meu conterrâneo, Jeremias Arruda, pela década de 20, que o construiu com requintes de elegância, fidalguia e bom gosto; por último, "Os Presidentes do Instituto" (III) da autoria de outro Mestre igualmente ilustrado, João Hipólito Campos de Oliveira e cujo título diz bem do seu conteúdo.

Tudo muito ótimo — como diria o grande clássico, Camilo Castelo Branco — isso aí, meus amigos, e melhor ainda se eu vos mandar à leitura de entrevista do ilustre Presidente, General Dr. Carlos Studart Filho, no "Correio" de hoje, 4 e quando o Instituto do Ceará celebra entre galas,

noventa anos, belos, fecundos e viris, de uma vida voltada para a Pesquisa e para a Cultura, merecendo, por isso mesmo, o respeito, o louvor e a admiração de todo o Brasil culto de ontem e de hoje.

Impossibilitado de estar presente à encantadora festa natal do Instituto, daqui, do meu cantinho sertanejo, mando a minha louvação à nobilíssima Instituição, na pessoa ilustre do General Presidente, com augúrios de muitos anos de vida, numa constante devoção à grandeza cultural do Ceará e do Brasil.

(CORREIO DO CEARÁ, 16 de março de 1977)